

REMODELANDO CORPOS:
As costureiras e suas reminiscências na Florianópolis de 1950
José Alfredo Beirão Filho

Resumo

O estudo identifica as fontes de referência utilizadas pelas costureiras e clientes que consumiam a roupa sob medida, na década de 1950 em Florianópolis, para obter informações de moda. Define o *New Look* e a Alta Costura francesa como referência de moda para o Brasil. Aborda, ainda, como influenciadores de moda: jornais, revistas, rádio, cinema e eventos sociais. Com a técnica de registro da história oral, focaliza as costureiras, identificando, nas suas práticas, no seu “saber-fazer” na moda, as soluções que desenvolveram para adaptar a moda dos figurinos ao corpo de suas clientes.

Moda, o termo sugere que se fale de muitas coisas e de muita gente. Quando se refere à mulher, fala da fina dama da alta sociedade, da funcionária pública, da executiva, da vendedora do mercadinho da esquina, da dona de casa, da costureira e da modelo famosa. Fala ainda de artesanato, de peças únicas, de artes plásticas e de vanguarda, de conservação e restauração ou ainda da contestação estética. Da questão de autoria e de reconhecimento, no caso das etiquetas que se alugam e das cópias ou releituras que se fazem.

Mas isso não é tudo. E a comunicação? Como falar em moda sem pensar nas revistas femininas, com suas ilustrações e moldes prontos para copiar? E o cinema e seus ricos figurinos? O colunismo social e a novela?

Enfim, falar de moda lembra da Paris de outrora, de seu passado de luxo, de brilho mundano e da atual, com seus salões de desfiles, bem ao gosto das multinacionais. Mas, lembra também das costureiras anônimas de lugares distantes, daquelas que vestem a alta sociedade local e daquelas que vestem a gente da periferia.

Costureiras que numa época de poucos recursos - tanto no que se refere a equipamentos, máquinas e acessórios para costura, quanto no que se refere a tecidos e aviamentos - elaboraram soluções para atender suas clientes, permitindo que,

BEIRÃO FILHO, José Alfredo

Mestre em Engenharia de Produção – UFSC

Professor do Departamento de Moda da UDESC

independente de sua classe social, tivessem acesso aos sonhos e desejos criados pela moda.

Nessa perspectiva o presente estudo busca identificar os meios utilizados pelas costureiras de Florianópolis, na década de 1950, para adaptar a moda dos figurinos das revistas, do rádio e do cinema ao corpo da mulher florianopolitana.

Os procedimentos metodológicos adotados foram baseados nas técnicas utilizadas na história oral, a partir de entrevista estruturada, com perguntas abertas - permitindo às clientes lembrarem os usos e costumes de uma época distante, mas ainda presente na memória e às costureiras relatarem sua experiência quanto ao seu “fazer” na moda, ainda não registrado.

A MODA NA DÉCADA DE 1950

Ao fim da Segunda Guerra Mundial, surgiu em fevereiro de 1947, o *New Look* de Christian Dior, uma coleção de roupas que definiria a moda dos anos de 1950: o novo estilo condensava nostalgia e elegância (CHAUMETTE, 1995).

As curvas do novo estilo respondiam às curvas do corpo e remarcavam a novidade dos ombros arredondados. As cavas raglan ou martelo deram ao busto uma forma doce que as ombreiras dos anos de 1930 haviam tirado. O peito era mantido alto, colocando o busto de perfil em relevo. A cintura muito estreita era colocada um pouco acima do normal e com basques¹ se posicionando sobre os quadris desenhando perfeitamente seu volume e o contorno do dorso.

Para obter este contorno, Dior entretelava de maneira bem rígida o casaco construído à maneira dos primeiros *pourpoints* femininos, espécie de casaco do século XVI, em que dezenas de pequenos pedaços de tecido eram articulados por costuras e por pences. As mangas eram ajustadas aos braços e a gola sublinhava muito levemente a abertura da veste (PROCHNA, 2000).

¹ Basque, pequeno saíote costurado ao corpete de um vestido ou de casaquinho. A basque é pregueada ou franzida junto à barra do corpete.
BEIRÃO FILHO, José Alfredo

A saia godê que se abria como flor, consumia uma grande quantidade de tecido era inteiramente plissada, forrada com tule para ficar armada e seu comprimento ficava a 30 cm do chão. Segundo as regras impostas por Dior, a nova linha desenhava uma corola, transformando a mulher em flor. A saia, ao menor movimento, dançava e rodopiava levemente, ajustada acima das coxas pela basque do casaco. Os sapatos de salto alto e fino alongavam a silhueta e colocavam em valor a amplidão da saia e a cintura marcada. Dior impunha uma nova silhueta feminina.

A simplicidade da linha e a perfeição no caimento dos tecidos eram fruto de uma técnica extremamente bem elaborada adquirida desde o início de sua carreira no atelier do costureiro Lucien Lelong. Dior difundia o novo estilo ideal de mulher: rica, burguesa, em que o clássico e a feminilidade eram as características fundamentais, transformando-a em uma criatura de sonho: rosto altivo, cabelos presos em *chignon*² e corpo desenhado (BAUDOT, 2000).

Referências de Moda para Florianópolis na década de 1950

Apesar da americanização dos costumes vigentes, a Alta Costura francesa ditava as tendências também para o Brasil, ainda que a moda nesse período tenha se redimensionado paralelamente à conquista de um espaço cultural próprio, permitindo a releitura de tendências, modelagens e de certos gostos, acessórios e usos da cor, sobretudo na Capital Federal, Rio de Janeiro, onde as roupas seguiam os padrões internacionais, mas agregavam signos peculiares da região.

Em Florianópolis, no início da década de 1950, a moda de Dior também se impôs. A antiga Desterro, com 67 mil habitantes, possuía em seu centro urbano uma série de sobrados e casarões coloniais onde embarcações de variados tipos aportavam atrás do Mercado Público e no trapiche Rita Maria. Nesse ambiente bucólico, onde mais de 50% da população residia na zona rural, dependendo economicamente da

² *Chignon* ou chinó (português), penteado feito ao enrolarem-se na nuca cabelos compridos, no formato de uma broa, com aspecto frouxo, mas cuidadosamente presos. Foi comum no século XIX à década de 1920.

BEIRÃO FILHO, José Alfredo

Mestre em Engenharia de Produção – UFSC

Professor do Departamento de Moda da UDESC

pesca e da monocultura agrícola, a mulher era submissa ao homem e desempenhava papéis sociais estabelecidos pelo patriarcado (PELUSO JR, 1991).

Reconciliar o desejo de parecer diferente com a obrigação simultânea, porém contraditória de conformismo, constituía o dilema feminino, no que se referia à roupa. Até onde era permitido ir? Havia um risco e uma ousadia relacionados com a altura da saia, do decote, com as cores, porque uma mulher poderia escandalizar, caso se submetesse à escravidão da moda, como também por ignorar arrogantemente as suas exigências, afirma Marilza (Entrevista, 14/07/2004).

Assim, as revistas convidavam as mulheres a descobrirem o seu tipo e a se vestirem para serem elas próprias, dentro de um padrão aceitável pela sociedade.

Dentre as publicações mais citadas pelas entrevistadas, como fontes de referências de moda, estão “O Cruzeiro”, “Fon Fon” e “Jornal das Moças”, inclusive era costume dos homens, comprarem, semanalmente, essas revistas para suas esposas.

Apenas Olga Mafra, costureira já falecida, recebia com certa regularidade as revistas alemãs *Constanze* e *Film unt Frau*. Não utilizava revistas “populares como o Jornal das Moças e a Fon Fon, que considerava como modinha”, alegando que “a moda nasce no salão, quando chega na calçada deixa de ser moda”, e “o que é moda não incomoda”, relata Ariana (Entrevista, 19/07/2004).

O rádio foi uma fonte de referência de moda bastante citada nas entrevistas. As rádios Guarujá, Diário da Manhã e Nacional exerceram influência na moda, através das radionovelas – que seguiam a linha dramática cubana e mexicana – e dos anunciantes, Magazine Hoepcke, A Modelar, Brito Alfaiate, Lojas Pereira Oliveira, A Soberana, Farmácia Catarinense.

Mas, a influência maior sobre a moda estava na “Revista do Rádio”, folhetim que publicava as novidades do cinema, da música e da vida pessoal dos cantores e artistas, trazendo estampada na capa fotos das Rainhas do Rádio, eleitas pela Rádio Nacional, como Marlene, Dalva de Oliveira e Emilinha Borba. As roupas e o comportamento dessas personagens eram copiadas e imitados, principalmente pelas classes de menor poder aquisitivo.

BEIRÃO FILHO, José Alfredo

Mestre em Engenharia de Produção – UFSC

Professor do Departamento de Moda da UDESC

Os filmes também foram referência de moda, para Florianópolis, como *A Malvada* com Bette Davis e *O Pai da Noiva* com Elizabeth Taylor, pois as atrizes usavam figurinos inspirados no *New Look* de Dior. Da mesma forma, em 1953, durante o período de exibição do filme, *A Princesa e o Plebeu*, com Audrey Hepburn e Gregory Peck, por mais de dois meses, as moças circularam com o cabelo preso, saias plissadas claras, cintos pretos e camisas sociais, desapropriadas dos pais. Os homens não ficaram atrás: esgotaram o estoque de ternos cinza da Loja Renner, especializada em trajes masculinos relembra Vanie (Entrevista, 16/08/2004).

Após a exibição do filme *Gata em Teto de Zinco Quente*, com Elizabeth Taylor e Paul Newman, no Cine São José, a loja A Modelar mandou fazer uma réplica do manequim de Taylor, expondo as cópias dos figurinos decotados e insinuantes de Helen Rose. A mesma loja, A Modelar, durante o mês de exibição do filme *O Ladrão de Casaca*, com Grace Kelly, anunciou no jornal O Estado que tinha para vender os modelos usados pela atriz, informa Nelly (Entrevista, 18/07/2004).

Para o lançamento de grandes produções cinematográficas, eram promovidas sessões de pré-estréia, amplamente divulgadas nos jornais e rádios. Nesses eventos que ocorriam duas vezes ao ano e contavam com a presença garantida do Governador e esposa, além de autoridades, era obrigatório o uso de terno e gravata para os homens. Já as mulheres empenhavam-se em vestir o melhor do seu guarda-roupa, quando não mandavam fazer ou trazer do Rio uma roupa exclusiva, afirma Ligia (Entrevista, 21/09/2004).

Dessa forma, as referências de moda não se baseavam apenas nos filmes, mas no evento social, para o qual as roupas eram feitas especialmente, pelas diversas costureiras locais, ou de outras regiões do país e as compradas nas elegantes lojas da Rua do Ouvidor no Rio de Janeiro, e em São Paulo, no Largo do Arouche.

Valores Estéticos Aplicados ao Corpo e à Moda Feminina

A moda que era visitada diariamente nas revistas, nos jornais e no rádio, trouxe, para Florianópolis, os conceitos de moderno -- das grandes capitais como: Paris, Nova BEIRÃO FILHO, José Alfredo

Mestre em Engenharia de Produção – UFSC

Professor do Departamento de Moda da UDESC

lorque, Rio de Janeiro e São Paulo - incorporados a ela, gerando transformações culturais e sociais que, somadas à introdução da mulher no mercado de trabalho, foram responsáveis pela construção de um novo feminino.

Para este novo feminino, a elegância era o que contava, “era muito importante estar bem trajada, bem vestida”. Esse *estar bem trajada* não se referia apenas para grandes eventos, mas para o dia-a-dia, “para se ir à praça, lá no centro a gente se arrumava de verdade, salto alto, cabelo bem feito, roupas bonitas”, afirma Iraci (Entrevista, 20/08/2004”).

Para atender a esses valores estéticos da moda, a mulher deveria ser magra, ter cintura bem fina, seios grandes, quadris largos e ombros pequenos e arredondados.

Soluções para Adaptar a Roupas da Moda ao Corpo das Clientes

Para atender aos valores estéticos da moda vigente, à mulher que não tinha o tipo físico adequado, o primeiro passo, “era tentar modificar [...] se a pessoa não quisesse modificar eu apelava pra cinturita [...] era usada um mês antes de eu fazer o vestido, até ganhar cintura, afirma Vanie (Entrevista em 19/09/2004)”. Na descrição da costureira, a cinturita era um cinto largo, bem justo ao corpo, forrado com entretela e com cordões passados na forma de trelíça que permitiam ajustes diários, usada por baixo do vestido.

Para dar volume e movimento, as saias dos vestidos de pessoas magras eram confeccionadas, em média, com nove metros de tecido e eram franzidas na cintura. Essas saias eram usadas com inúmeras anáguas, no mínimo duas, costuradas em cinco metros de tecido morim, aproximadamente, com babados franzidos, costurados numa base. A anágua que ia por baixo não era passada a ferro. Isso dava maior volume e movimento.

No caso de pessoas gordas, era usada a saia modelo *guarda-chuva* – cortada em panos, sendo a parte superior na medida exata dos quadris e da cintura e na parte inferior, a metragem da roda era em média, com nove metros. Essas saias eram usadas com anáguas mais justas, até a altura das coxas, tipo “cadeirão”, sendo que somente a

Mestre em Engenharia de Produção – UFSC

Professor do Departamento de Moda da UDESC

partir daí era cosida a primeira camada de babados. Ou quando usado sem anágua, o vestido era forrado com tafetá macio para não armar.

Para aumentar o quadril, de mulheres que não apresentavam volume nessa região, eram confeccionados enchimentos com espuma, cosidos num forro e presos justo ao corpo, na área dos quadris, ou eram acrescentados bolsos grandes nas laterais.

Às mulheres que tinham seios muito grandes era usada a manga raglan – que inicia no centro e abaixo da axila, passando quase em linha reta, entre o ombro e a parte superior do seio, terminando no primeiro terço da clavícula, no sentido ombro/pescoço. Quando os seios eram pequenos usava-se o “seio postiço”, um sutiã de número maior ao usado pela cliente, onde era colocado enchimento de algodão. Ou um sutiã um número maior, com bojo acolchoado, onde era acrescentado mais tecido.

Para diminuir a circunferência da cintura era usado um cinto elástico com barbatana e cadarços, por baixo do vestido e unido ao sutiã, formando uma espécie de corselete, ou sutiã de estômago. Usava-se ainda, um cinto largo por cima da roupa, confeccionado em elástico ou tecido.

Das alternativas propostas pelas costureiras, observa-se que a prática era franzir as saias dos vestidos; usar anáguas para dar volume e movimento, colocar enchimento em espuma e acrescentar bolsos aos modelos. Essas tendências não são visualizadas nas criações do *New Look*, o que leva a inferir que foram adaptadas, pelas costureiras, para diminuir a quantidade de tecido – de 22m para 9m - e adequar o modelo às pessoas que fisicamente não correspondiam ao exigido. Dessa forma, cada costureira procurava adaptar a roupa ao corpo de sua cliente, criando artifícios, inclusive que nos dias atuais são produzidos em escala industrial.

Conjugados esses fatores, a década de 1950 foi um divisor de águas para Florianópolis, não importando os motivos, fossem eles, sociais, econômicos, políticos ou culturais. De um lado, a roupa definiu claramente a posição social, permitindo a expansão da moda, expressando o enriquecimento da burguesia, na medida em que ela passava a ostentar e a exhibir suas vestimentas como signo de poder.

BEIRÃO FILHO, José Alfredo

Mestre em Engenharia de Produção – UFSC

Professor do Departamento de Moda da UDESC

Por outro lado, a moda emanou e recebeu reflexos para o fato de a cidade deixar de ser rural, intrinsecamente provinciana, para se transformar num centro urbano, onde era necessário ser moderno, estando a par, para o que era considerado atual. Para isso, as costureiras desenvolveram soluções, técnicas próprias para adaptar a moda dos figurinos ao corpo da mulher, falseando sua percepção e adequando-o às exigências impostas.

Referências bibliográficas:

- 1 - BAUDOT, François. **Moda do Século**. São Paulo: Cossac & Naify Edições, 2000.
 - 2 - CHAUMETTE, Xavier. **Le Costume Tailleur, la Culture Vestimentaire en France aux XIX et XX Siècle**. Paris: ESMOD Edition, 1995.
 - 3 - JORNAL O ESTADO. Florianópolis, 1947-1960.
 - 4 – MARTIN, Richard & Koda, Harold. **Haute Couture**. Nova Iorque. 1995.
 - 5 - PELUSO JR. Victor A. **A evolução urbana de Santa Catarina no período de 1940 a 1970**. Florianópolis: IHGSC, 1979.
 - 6 - PROCHNA, Marie France. **Dior**. São Paulo: Cossac & Naify, 2000.
- ARIANA. **Entrevista concedida a José Alfredo Beirão Filho**. Florianópolis, 19 jul. 2004.
- ÉRICA. **Entrevista concedida a José Alfredo Beirão Filho**. Florianópolis, 19 jul. 2004.
- IRACI. **Entrevista concedida a José Alfredo Beirão Filho**. Florianópolis, 20 ago. 2004.
- LIGIA. **Entrevista concedida a José Alfredo Beirão Filho**. Florianópolis, 21 set 2004.
- MARILZA. **Entrevista concedida a José Alfredo Beirão Filho**. Florianópolis, 14 jul. 2004.
- NELLY. **Entrevista concedida a José Alfredo Beirão Filho**. Florianópolis, 18 jul. 2004.
- NELZA. **Entrevista concedida a José Alfredo Beirão Filho**. Florianópolis, 21 ago. 2004.
- VANIE. **Entrevista concedida a José Alfredo Beirão Filho**. Florianópolis, 16 ago. 2004.
- BEIRÃO FILHO, José Alfredo
Mestre em Engenharia de Produção – UFSC
Professor do Departamento de Moda da UDESC